

A DAMA DAS CAMÉLIAS



ALEXANDRE DUMAS FILHO

PREFÁCIO DE JULES JANIN

ILUSTRAÇÕES de Amanda Carla

TRADUÇÃO de Carol Colfield

TORDESILHAS
FABULOUS CLASSICS



SUMÁRIO

ANUNCIOS

Aparato, X

Srta. Marie Duplessis, 22

Capítulo 01, 36

Capítulo 02, 42

Capítulo 03, 50

Capítulo 04, 58

Capítulo 05, **68**

Capítulo 06, **76**

Capítulo 07, **84**

Capítulo 08, **96**

Capítulo 09, **104**

Capítulo 10, **116**

Capítulo 11, **128**

Capítulo 12, **140**

Capítulo 13, **148**

Capítulo 14, **158**

Capítulo 15, **168**

Capítulo 16, **176**

Capítulo 17, **186**

Capítulo 18, **196**

Capítulo 19, **204**

Capítulo 20, **212**

Capítulo 21, **218**

Capítulo 22, **226**

Capítulo 23, **236**

Capítulo 24, **246**

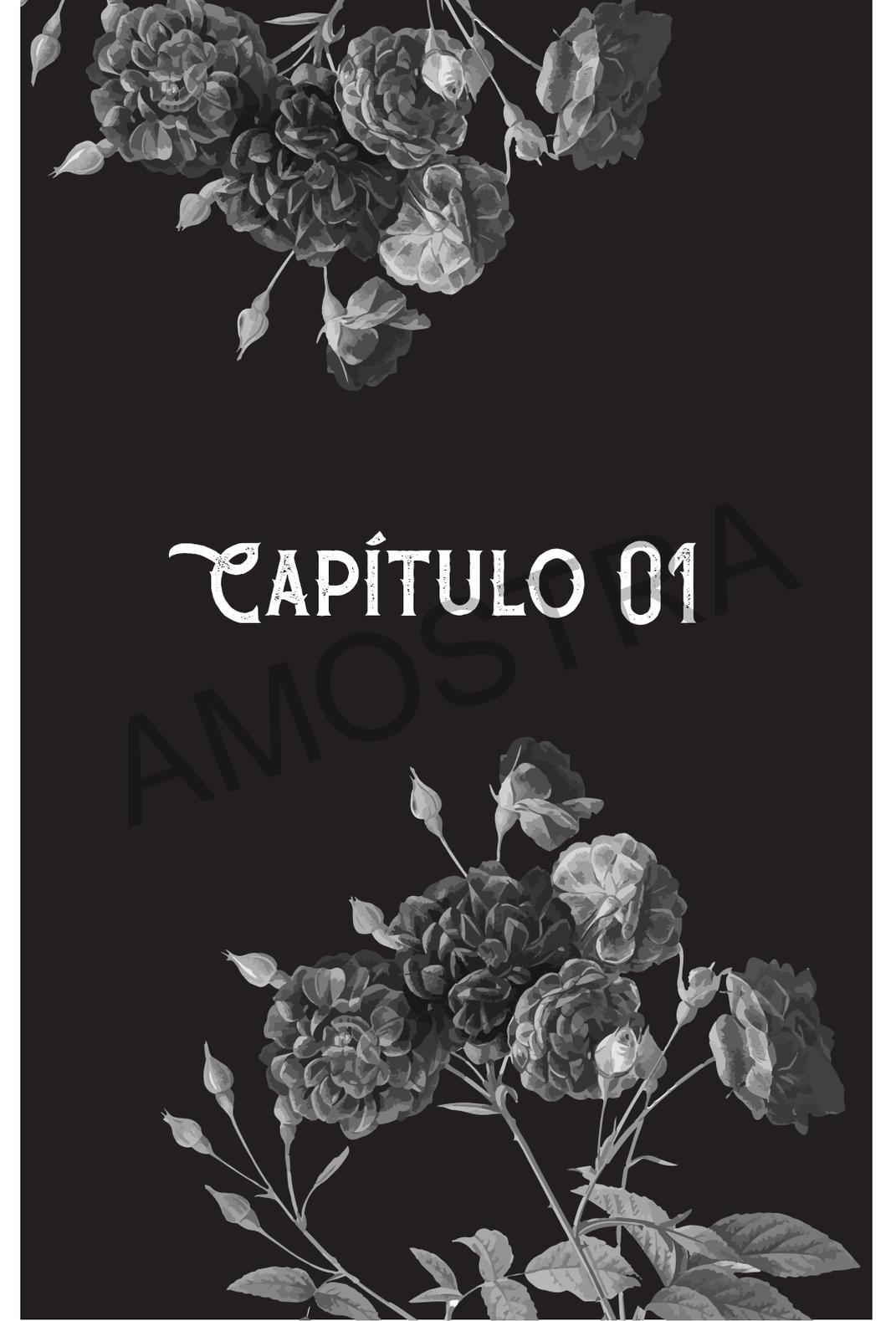
Capítulo 25, **258**

Capítulo 26, **266**

Capítulo 27, **280**

Sobre o Autor, **286**





CAPÍTULO 01

AMOSTRA



Minha opinião é que só é possível criar personagens se estudarmos muito as pessoas, assim como só é possível falar um idioma se o aprendermos com seriedade.

Não tendo ainda idade suficiente para criar, contento-me em contar.

Portanto, convido o leitor a se convencer da realidade deste relato, cujos personagens, com exceção da protagonista, ainda vivem.

Além disso, há em Paris testemunhas da maioria dos fatos que descrevo e que poderiam confirmá-los se meu depoimento não bastar. Por uma circunstância particular, somente eu poderia escrevê-los, pois fui o confidente dos últimos detalhes, sem os quais teria sido impossível fazer um relato interessante e completo.

Eis como esses detalhes chegaram ao meu conhecimento. Em 12 de março de 1847, li um grande cartaz amarelo na Rue Laffitte anunciando um leilão de móveis e valiosos objetos de interesse. Esse leilão ocorreu após um falecimento. O cartaz não mencionava o nome da pessoa falecida, mas o leilão seria realizado na Rue d'Antin, nº 9, no dia 16, do meio-dia às cinco.

O cartaz também dizia que seria possível visitar o imóvel, bem como ver a mobília nos dias 13 e 14.

Sempre fui apreciador de curiosidades. Prometi a mim mesmo que não perderia essa oportunidade, se não para comprar, ao menos para ver.

No dia seguinte, fui à Rue d'Antin, nº 9.

Era de manhã cedo, mas já havia visitantes no local, inclusive mulheres, que, embora estivessem vestidas de veludo, cobertas de xales de caxemira e sendo aguardadas na porta por seus elegantes veículos, olhavam com espanto e até admiração para o luxo que se exibia diante de seus olhos.

Mais tarde, compreendi essa admiração e esse espanto, pois, ao começar a examinar, reconheci claramente que estava nos aposentos de uma mulher sustentada por alguém. Ora, se há algo que as mulheres da alta sociedade desejam ver — e havia mulheres da alta sociedade ali — é como vivem essas mulheres, cujas carruagens salpicam as delas todos os dias, que têm, assim como elas e ao lado delas, seus camarotes no Opéra

e no Théâtre des Italiens, e que exibem, em Paris, a insolente opulência de sua beleza, suas joias e seus escândalos.

A mulher na casa de quem eu me encontrava estava morta, de modo que as mulheres mais virtuosas podiam até mesmo entrar em seu quarto. A morte havia purificado o ar daquela esplêndida latrina e, além disso, a desculpa delas, se é que precisavam de alguma, era que haviam ido a um leilão sem saber de quem era a casa que estavam visitando. Havia lido os cartazes, queriam conhecer o que os cartazes prometiam e escolher com antecedência; nada mais simples; mas isso não lhes impedia de procurar, em meio a todas aquelas maravilhas, vestígios da vida da cortesã sobre quem, sem dúvida, haviam ouvido relatos tão estranhos.

Infelizmente, os mistérios haviam morrido com a deusa e, por mais que se esforçassem, essas senhoras não descobriram nada além do que foi posto à venda após o falecimento, e nada do que se vendia enquanto a antiga moradora ainda era viva.

Por outro lado, havia bastante para se comprar. A mobília era magnífica. Peças de jacarandá e marchetaria de Boule, vasos de Sèvres e da China, estatuetas da Saxônia, cetim, veludo e renda, não faltava nada.

Deambulei pelo apartamento e segui os nobres curiosos que haviam me precedido. Eles entraram em um cômodo coberto com tecido persa, e eu estava prestes a entrar também quando eles saíram dali quase imediatamente, sorrindo, como se estivessem envergonhados com a nova curiosidade. Fiquei ainda mais interessado em visitar esse cômodo. Era o quarto de vestir, com seus detalhes mais minuciosos, no qual a prodigalidade da mulher morta parecia ter se desenvolvido ao máximo.

Sobre uma grande mesa, encostada na parede, com três pés de largura por seis de comprimento, reluziam todos os tesouros das prestigiadas ourivesarias Aucoc e Odiot. Era uma coleção magnífica, e nenhum desses milhares de objetos, tão necessários para a toalete de uma mulher como aquela em cuja casa nos encontrávamos, era feito de outro metal senão ouro ou prata. No entanto, essa coleção só poderia ter sido formada gradualmente, e não foi o mesmo amor que a completou.

Eu, que não me assustava ao ver um quarto de vestir de uma mulher mantida, divertia-me examinando os pormenores, quaisquer que fossem, e notei que todos aqueles utensílios magnificamente cinzelados tinham várias iniciais e coroas diferentes.

Eu olhava para todos aqueles objetos, que para mim representavam a prostituição da pobre moça, e dizia a mim mesmo que Deus havia sido misericordioso com ela, já que não havia permitido que sofresse o castigo comum e que a deixara morrer em meio ao luxo e à beleza antes da velhice, que é a primeira morte das cortesãs.

De fato, o que poderia ser mais triste de se ver do que a velhice do vício, especialmente nas mulheres? Ela não comporta qualquer dignidade nem inspira qualquer interesse. Esse arrependimento eterno, não por haver tomado o caminho errado, mas pelos cálculos mal feitos e pelo dinheiro mal gasto, é uma das coisas mais entristecedoras que se pode ouvir. Certa vez, conheci uma mulher que havia sido cortesã e a quem não restara mais nada de seu passado, a não ser uma filha quase tão bonita quanto fora a mãe, segundo diziam seus contemporâneos. Essa pobre criança, a quem a mãe nunca dissera “você é minha filha”, exceto para obrigá-la a sustentá-la na velhice tal como ela a havia sustentado na infância, chamava-se Louise e, obedecendo à mãe, ela se entregava sem vontade, sem paixão, sem prazer, como se fosse qualquer ofício, caso alguém tivesse pensado em lhe ensinar um.

O contato contínuo com a devassidão, uma devassidão precoce, alimentada pelo estado cronicamente doentio daquela jovem, havia apagado nela a noção do bem e do mal que Deus talvez tivesse lhe concedido, mas que ninguém pensou em aprimorar.

Sempre me lembrarei daquela moça, que caminhava pelos bulevares quase todos os dias no mesmo horário. Sua mãe estava sempre com ela, tão assiduamente quanto uma verdadeira mãe estaria com sua verdadeira filha. Eu era muito jovem na época e estava disposto a aceitar para mim a moral fácil do meu século. Recordo, porém, que a visão daquela escandalosa vigilância inspirou em mim desprezo e repulsa.

Some-se a isso o fato de que nunca o rosto de uma virgem teve um tal sentimento de inocência, uma tal expressão de sofrimento melancólico.

Parecia a imagem da Resignação.

Um dia, o rosto da moça se iluminou. Em meio a toda aquela depravação que sua mãe havia planejado para ela, a pecadora acreditou que Deus lhe concederia alguma felicidade. E por que, afinal, Deus, que a havia feito sem forças, a deixaria sem consolo, sob o peso doloroso de sua vida? Um dia, então, constatou que estava grávida, e o que ainda restava

de casto nela estremeceu de alegria. A alma tem refúgios estranhos. Louise correu para contar à mãe a notícia que a deixou tão feliz. É vergonhoso dizê-lo, mas não estamos cometendo nenhuma imoralidade aqui; apenas relatando um fato verdadeiro, que talvez fosse melhor manter em silêncio, se não acreditássemos que, ocasionalmente, é necessário revelar os martírios desses seres, que condenamos sem ouvir, que desprezamos sem julgar; é vergonhoso, dizemos, mas a mãe respondeu à filha que não havia o suficiente para dois e que não haveria o suficiente para três; que crianças assim são inúteis e que a gravidez é uma perda de tempo.

No dia seguinte, uma parteira, a quem nos referimos apenas como amiga da mãe, veio ver Louise, que ficou na cama por alguns dias, levantando-se mais pálida e fraca do que antes.

Três meses depois, um homem se compadeceu dela e se encarregou de sua recuperação moral e física; mas o último abalo foi demasiado violento, e Louise morreu em decorrência do aborto que sofrera.

A mãe ainda vive. De que maneira? Só Deus sabe.

Essa história surgiu na minha mente enquanto eu contemplava os estojos de prata e, ao que parece, devo ter ficado bastante tempo imerso nessas reflexões, pois, quando percebi, não havia ninguém na casa além de mim e de um guarda que, da porta, me observava com atenção, como se temesse que eu estivesse roubando algo.

Aproximei-me daquele homem a quem eu inspirava tantas preocupações sérias.

— Senhor — disse-lhe —, poderia me informar o nome da pessoa que residia aqui?

— Senhorita Marguerite Gautier.

Eu conhecia essa moça de nome e de vista.

— O quê?! — perguntei ao guarda. — Marguerite Gautier morreu?

— Sim, senhor.

— E quando foi isso?

— Há três semanas, acho.

— E por que razão autorizam a visita do imóvel?

— Os credores consideram que isso aumentará as possibilidades de venda. As pessoas podem ver antecipadamente o efeito dos tecidos e dos móveis, entende? Isso incentiva as pessoas a comprarem.

— Então ela tinha dívidas?

— Oh, senhor, em grande quantidade.

— Mas o leilão as cobrirá, sem dúvida?

— Com folga.

— Para quem irá o excedente, então?

— Para a família dela.

— Então ela tem uma família?

— É o que parece.

— Muito obrigado, senhor.

O guarda, seguro de minhas intenções, saudou-me, e eu saí.

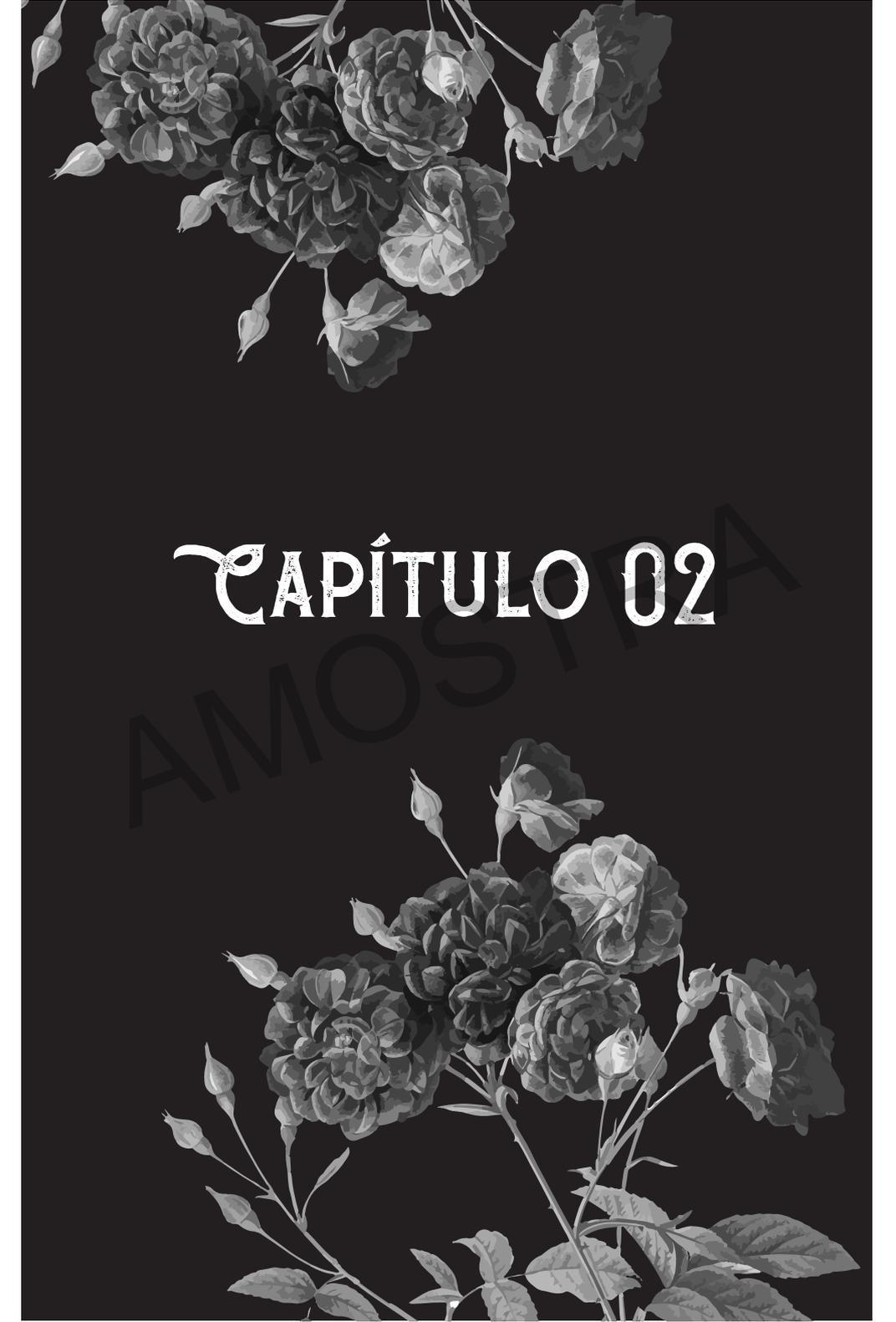
— Pobre moça! — disse a mim mesmo no caminho de volta para casa. — Deve ter tido uma morte muito triste, porque, no mundo dela, só se tem amigos quando se está bem.

E, sem querer, compadeci-me do destino de Marguerite Gautier.

Pode parecer ridículo para alguns, mas tenho uma inesgotável indulgência por cortesãs e nem me preocupo em questionar essa indulgência.

Um dia, indo ao prédio da administração regional para buscar um passaporte, vi uma moça em uma das ruas adjacentes sendo levada por dois policiais. Não sei o que ela havia feito; tudo o que posso dizer é que chorava copiosamente enquanto abraçava uma criança de poucos meses, da qual sua prisão a separava. Desde aquele dia, nunca mais fui capaz de desprezar uma mulher à primeira vista.





CAPÍTULO 02

AMOSTRA



leilão fora programado para o dia 16.

Foi deixado um dia de intervalo entre as visitas e o leilão para que os tapeceiros tivessem tempo de retirar as tapeçarias, cortinas etc.

Naquela época, eu estava retornando de uma viagem. Era bastante natural que não me tivessem contado sobre a morte de Marguerite como uma dessas grandes novidades que os amigos sempre comunicam àqueles que retornam à capital. Marguerite era bonita, mas ao passo que a vida dessas mulheres causa muito alarde, sua morte causa pouco. Elas são como sóis que se põem como nascem, sem grande estrépito. A morte delas, quando morrem jovens, é comunicada a todos os seus amantes ao mesmo tempo, pois, em Paris, quase todos os amantes de uma mulher conhecida estão em estreita convivência. Compartilham-se algumas recordações a respeito, e a vida de todos continua sem que esse incidente a perturbe nem sequer com uma lágrima.

Hoje, quando se tem vinte e cinco anos, as lágrimas se tornam algo tão raro que não se pode derramá-las por qualquer um. No máximo, são os pais que pagam para serem chorados, e o são, em razão do valor que investem nisso.

Quanto a mim, embora meu monograma não estivesse gravado em nenhum dos estojos de Marguerite, essa indulgência instintiva, essa piedade natural que acabei de confessar, levou-me a refletir sobre sua morte por mais tempo do que talvez ela merecesse.

Eu me lembrava de ter cruzado com Marguerite várias vezes nos Champs-Élysées, onde ela ia assiduamente, todos os dias, em um pequeno cupê azul puxado por dois magníficos cavalos castanhos, e de ter notado nela uma sofisticação pouco comum entre suas semelhantes, algo ainda mais realçado pela excepcionalidade de sua beleza.

Essas infelizes criaturas, quando saem, estão sempre acompanhadas sabe-se lá por quem.

Como nenhum homem está disposto a demonstrar publicamente o amor noturno que sente por elas, e como elas abominam a solidão, levam consigo aquelas que, menos afortunadas, não têm veículo ou algumas dessas elegantes senhoras idosas, cuja elegância é desprovida de qualquer

motivo e a quem podemos recorrer sem receio quando desejamos saber algum detalhe sobre a mulher que acompanham.

Não era o caso de Marguerite. Ela chegava aos Champs-Élysées sempre sozinha, em sua carruagem, com a maior discrição possível: no inverno, envolta em um grande xale de caxemira; no verão, trajando vestidos muito simples. E embora houvesse muitas pessoas que ela conhecesse em seu passeio favorito, quando, por acaso, sorria para elas, o sorriso era visível apenas para elas; uma duquesa poderia ter sorrido assim.

Seu passeio não ia da rotatória até a entrada dos Champs-Élysées, como faziam e ainda fazem todas as suas colegas. Seus dois cavalos a levavam rapidamente até o Bois de Boulogne. Lá, ela saía da carruagem, caminhava por uma hora, entrava novamente em seu cupê e retornava para casa ao grande trote dos cavalos.

Todas essas circunstâncias, das quais fui testemunha algumas vezes, passaram diante de meus olhos, e eu lamentava a morte daquela moça como se lamenta a destruição total de uma bela obra.

Era impossível ver beleza mais encantadora do que a de Marguerite.

Alta e magra até o exagero, era dotada, no mais alto grau, da arte de fazer desaparecer essa omissão da natureza pelo simples arranjo das roupas que vestia. Seu xale de caxemira, cuja ponta tocava o chão, deixava entrever de cada lado os amplos babados de um vestido de seda em ambos os lados, e o espesso manchon que ocultava suas mãos, pressionado contra o peito, era circundado por pregas tão habilmente dispostas que, por mais exigentes que fossem os olhos, nada havia a censurar no contorno das linhas.

A cabeça, uma maravilha, era objeto de especial requinte. Era muito pequena, e sua mãe, como diria De Musset, parecia tê-la moldado dessa forma para fazê-lo com esmero.

Em um oval de uma graça indescritível, coloque olhos pretos, coroados por sobrancelhas de um arco tão puro que parecia pintado; cubra esses olhos com longos cílios que, quando se abaixavam, lançavam sombras sobre a tonalidade rosada das bochechas; desenhe um nariz fino, reto, espiritual, com narinas ligeiramente abertas por uma aspiração ardente à vida sensual; trace uma boca regular, cujos lábios se abriam graciosamente sobre dentes brancos como leite; dê à pele a textura aveludada

que cobre os pêssegos que nenhuma mão tocou, e então terá o conjunto dessa cabeça encantadora.

Os cabelos, escuros como o azeviche, com ondas naturais ou não, abriam-se na testa em duas largas faixas que se perdiam atrás da cabeça, revelando as pontas das orelhas, nas quais brilhavam dois diamantes, cada um no valor de quatro ou cinco mil francos.

Como foi que, apesar da vida ardente, Marguerite conseguiu manter no rosto a expressão virginal, até infantil, que o caracterizava é algo que somos forçados a constatar sem compreender.

Marguerite tinha um retrato maravilhoso feito por Vidal, o único artista cujo traço podia reproduzi-la. Após sua morte, tive esse retrato à minha disposição por alguns dias, e sua semelhança era tão impressionante que me serviu para prover as informações para as quais minha memória talvez não fosse suficiente.

Em meio aos detalhes deste capítulo, alguns só chegaram a mim mais tarde; porém, escrevo-os agora para não ter de retomá-los quando a história factual dessa mulher começar.

Marguerite comparecia a todas as estreias e passava todas as noites em espetáculos ou bailes. Sempre que uma nova peça era apresentada, ela estava lá, com três coisas que nunca a abandonavam e que sempre ocupavam a frente de seu camarim no andar térreo: seu binóculo, um saquinho de doces e um buquê de camélias.

Durante vinte e cinco dias do mês, as camélias eram brancas; durante cinco, vermelhas; nunca se soube o motivo dessa variedade de cores, que menciono sem saber explicar, e que os frequentadores dos teatros onde ela ia com mais frequência e seus amigos haviam notado como eu.

Nunca ninguém chegou a ver Marguerite com outras flores senão as camélias. Por isso, no estabelecimento da sra. Barjon, sua florista, passou-se a chamá-la de Dama das Camélias, e o apelido perdurou.

Além disso, eu sabia, como todos os que vivem em determinado círculo, em Paris, que Marguerite havia sido amante dos jovens mais elegantes, que ela o dizia abertamente e que eles mesmos se vangloriavam disso, o que provava que tanto os amantes quanto a amante estavam felizes um com o outro.

No entanto, há cerca de três anos, desde uma viagem que fizera a Bagnères, ela vivia, segundo diziam, apenas com um velho duque estrangeiro, imensamente rico, que tentava afastá-la o máximo possível de sua vida passada, o que, aliás, ela parecia consentir de bom grado.

Eis o que me disseram a respeito.

Na primavera de 1842, Marguerite estava tão fraca e alterada que os médicos lhe recomendaram um tratamento com águas medicinais; assim, ela partiu para Bagnères.

Lá, entre os doentes, estava a filha do duque, que não só tinha a mesma doença, como também um rosto semelhante ao de Marguerite, a ponto de poderem ser vistas como duas irmãs. Contudo, a jovem duquesa estava no terceiro estágio da tísica e, poucos dias após a chegada de Marguerite, ela faleceu.

Certa manhã, o duque, que permanecera em Bagnères como alguém que permanece no mesmo chão onde parte do seu coração está enterrada, viu Marguerite ao virar a rua, em um beco.

Pareceu-lhe ver a sombra da filha passar e, caminhando em direção a ela, tomou-lhe as mãos, abraçou-a, chorando, e, sem perguntar-lhe quem era, implorou que lhe permitisse vê-la e amar nela a imagem viva de sua filha morta.

Marguerite, que estava só em Bagnères com sua criada e não tinha receio algum de se comprometer, concordou com o pedido do duque.

Havia pessoas em Bagnères que a conheciam e elas foram oficialmente alertar o duque sobre a verdadeira situação da senhorita Gautier. Foi um duro golpe para o velho, pois ali cessava a semelhança com sua filha; mas era tarde demais. A jovem havia se tornado indispensável em seu coração e seu único pretexto para continuar vivendo.

Ele não a criticou; não tinha esse direito. Mas perguntou se ela seria capaz de mudar de vida, oferecendo, em troca do sacrifício, todas as compensações que ela desejasse. Ela prometeu que sim.

Deve-se dizer que, naquela época, Marguerite, uma mulher cheia de entusiasmo, estava doente. O passado lhe parecia ser uma das principais causas de sua doença, e um tipo de superstição a levou a esperar que Deus lhe permitiria manter sua beleza e saúde em troca de seu arrependimento e conversão.